

A Religiosidade Popular na Ilha dos Marinheiros. Um Estudo Fotoetnográfico dos Pórticos Ornamentais¹

Henrique Parobé Gibbon²

Escola de Comunicação Social – Universidade Católica de Pelotas

Resumo: O presente trabalho apresenta o Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros em uma abordagem dos métodos de Margaret Mead e Gregory Bateson, John Collier Jr. e Luiz Eduardo Robinson Achutti, no que diz respeito à antropologia, etnografia e fotografia. Utiliza-se principalmente da fotoetnografia de Achutti, para uma análise entre cultura, massa e a validade da utilização de fotografias discursivas e narrativas visuais. Tem como objeto de estudo as festividades religiosas na Ilha dos Marinheiros e os pórticos ornamentais construídos para tais festas.

Palavras-Chaves: Fotografia; Antropologia; Fotoetnografia; Narrativa Visual.

1. Introdução

O presente trabalho busca, com a utilização da fotografia, um estudo etnográfico do comportamento dos participantes das festas religiosas que ocorrem na Ilha dos Marinheiros, e tem como objeto principal de análise os pórticos ornamentais construídos especificamente para a comemoração religiosa, a representação destes no imaginário coletivo.

A pesquisa abrange as três festas que ocorrem na Ilha dos Marinheiros, cada uma delas realizadas em localidades, comunidades e datas diferenciadas, ao longo do ano.

Como embasamento teórico-prático utiliza-se o pioneirismo de Margaret Mead e Gregory Bateson, com a utilização de pranchas fotográficas de forma narrativa e descritiva como discurso científico social, e os modelos - adaptados após trabalhos de pesquisas narrativas realizados anteriormente - de John Collier Jr. E Luiz Eduardo Robinson Achutti³. Desta forma é proporcionado aos ilhéus a possibilidade de uma leitura do trabalho fotoetnográfico realizado que não seja apenas linear, existindo múltiplas possibilidades de compreensão da realidade apresentada.

¹Trabalho apresentado ao XXIX INTERCOM Júnior - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em setembro de 2006.

²Estudante de Graduação da Escola de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda - Universidade Católica de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica no Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros. heriqueparobe@hotmail.com

³Fotógrafo. Criador do termo fotoetnografia na defesa de sua dissertação de mestrado em 1997. Pesquisador associado ao Laboratório de Antropologia Visual e Sonora no Mundo Contemporâneo da Universidade Paris & Denis-Diderot. Mestre em Antropologia Visual e professor pertencente ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Antropologia no Laboratoire d'Anthropologie Visuelle et Sonore du Monde Contemporain da Universidade de Paris 7 Denis – Diderot.

Por fim visa-se através da fotoetnografia⁴ apresentar uma nova forma de pesquisa científica social e comunicacional, esta feita com uma alternativa repleta de riqueza, observações e constatações das quais as palavras não podem conter.

2. Ilha dos Marinheiros

Encontra-se à margem oeste da Laguna dos Patos a 33° 00' de latitude sul e 52° 6' de longitude oeste, localizada a 1.500 metros da cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Sua área total é de 39.280.854,60 km².

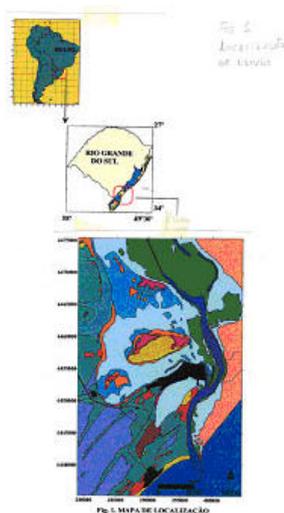


Figura 1 – Localização



Figura 2 – Fotografia aérea

É a maior ilha da Laguna dos Patos e a mais importante da região, reunindo um heterogêneo grupo cultural que preserva até os dias atuais a cultura rural portuguesa trazida pelos colonizadores em 1737.

O isolamento geográfico ao continente, imposto pela falta de ligação por via terrestre, manteve quase intacto os costumes e tradição cultural dos habitantes.

Oficialmente inaugurada no ano de 2004 a conclusão da construção de uma ponte ligando a Ilha dos Marinheiros ao continente antigamente, o acesso à Ilha pode ser realizado por via terrestre, além da tradicional, e usual até os dias de hoje, via marítima.

⁴ Termo cunhado por Luiz Eduardo Robinson Achutti em 1997 na defesa de sua dissertação de mestrado sustentando que fotoetnografia é a utilização da fotografia como forma narrativa especial na perspectiva do fazer etnográfico.

Observa-se que, com a ligação direta ao continente, houve uma tendência à dispersão da identidade social e cultural dos habitantes da Ilha.

Atualmente, encontra-se na Ilha dos Marinheiros aproximadamente 1324 habitantes, correspondentes ao número de 350 famílias que se dividem em 445 domicílios (IBGE – Censo Demográfico, 2000). Também é constatado deste fato que a população é formada em maior parte por pessoas idosas e crianças, já que os mais jovens partem para a cidade em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

3. Comunidades Festeiras

A Ilha dos Marinheiros apresenta três comunidades católicas bem distribuídas: a Comunidade de Nossa Senhora da Saúde localizada nos Fundos da Ilha; a Comunidade de São João Batista, localizada no Porto do Rei, e a Comunidade da Santa Cruz, na Marambaia. Cada uma delas possui sua própria capela.

A capela São João Batista (fig. 03) apresenta uma singela beleza em sua arquitetura, nas obras de talha e nas imagens em seus altares. Por ser a mais antiga capela presente na Ilha, é considerado berço de tradição religiosa dos povoadores, estando ali há mais de 140 anos.

A primeira capela de Nossa Senhora da Saúde foi construída em 1895, porém esta ruiu-se devido a não conservação. Porém no ano de 1976 foi construída uma nova capela (fig. 04) mudando as características da anterior. Anos mais tarde foi criada a Associação Nossa Senhora da Saúde a fim de preservar a capela e a tradição da festa religiosa que ali ocorre.

Já a capela da Santa Cruz (fig. 05) é a construção mais recente dentre as três, possui a arquitetura mais bela, em estilo gótico. Nesta comunidade não ha referência a Santo algum, apenas a uma Cruz, como retrata Anna Morisson⁵.

“Por volta de 1890 chegou à Marambaia o casal José Bento dos Santos e Luísa de Jesus dos Santos... certa ocasião, José dos Santos com mais dois amigos, Inácio e Júlio, resolveram colocar no campo uma cruz e pedir a Deus que mandasse chuva. A seca era intensa e o pedido foi ouvido; veio a chuva. Passando algum tempo um dos filhos de Inácio chegou à idade de servir no Exército e o pai fez uma promessa à cruz para que o filho não fosse selecionado. O pedido foi atendido e Inácio ergueu

⁵ Anna Lúcia Dias Morisson de Azevedo. Autora do livro A Ilha dos Três Antônios, 2003.

uma capelinha de madeira e palha. Depois foi a vez do segundo filho. A promessa foi renovada e o pedido atendido. Inácio construiu uma capela maior”. (Morisson, 2003:89)

A capela atual foi construída em 1935 e os moradores decidiram que não escolheriam um santo padroeiro e que continuariam somente com a cruz, pois foi com ela que tudo começou.



Fig 3 – Fotografia de Carlos Recuero⁶



Fig 04 - Fotografia de Carlos Recuero



Fig 5 – Fotografia de Henrique Gibbon

4. As Festas Religiosas

Ocorre na Ilha dos Marinheiros, três festas religiosas, cada uma em sua respectiva comunidade festeira.

Essas festas, de característica tradicional da cultura portuguesa, é o resultado do empenho de um grupo de pessoas que integram a comissão da comunidade em questão. Esta comissão é formada por moradores locais e tem por objetivo preservar o patrimônio histórico cultural e a tradição, além de cuidar da programação e organização da festa durante o ano inteiro.

As festas começam com uma preparação muito anterior ao dia no qual é realizada. Envolve um trabalho de toda a comunidade para a arrecadação de fundos suficientes para que a festa seja garantia de sucesso.

⁶ Fotógrafo e Jornalista. Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Pelotas. Pós-graduado em Administração pela Fundação Getúlio Vargas, pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Comunicação Social da UCPel. Professor de fotografia nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas na UCPel.

Com o passar do tempo as festas religiosas foram perdendo a sua originalidade e tradição. Neste trecho percebemos como era o procedimento nas festas antigamente.

“Estas festas iniciam-se no sábado pela manhã com o hasteamento das bandeiras brasileira e portuguesa e com os respectivos hinos. Ao meio-dia há almoço e a noite baile. No domingo a festa continua com banda típica tocando na rua e no salão, ao meio-dia almoço, à tarde procissão e no final da tarde o arreamento das bandeiras, finalizando a festa. Quanto a comida são servidos pratos típicos. Outro detalhe que não pode faltar são os arcos⁷ de papel de seda”. (Morisson, 2003:92).

Atualmente as festas começam ao Domingo pela manhã e não sábado como antigamente, mas o hasteamento das bandeiras do Brasil e de Portugal, e os respectivos hinos nacionais continuam inalterados. Após a festa tem continuidade com a tradicional banda da Ilha até o horário do almoço. Já no almoço não se tem mais a presença dos pratos típicos, ao invés disso, é realizado um churrasco (fig.06) com uma enorme quantidade de carne, que são vendidas em espetos de vara de bambu.

A tarde, a banda (fig. 07) entra para o salão da comunidade e realiza um baile até aproximadamente as dezesseis horas, quando é chegada a hora de realizar a procissão. Terminada a procissão a banda retorna ao salão e continua o baile até a noite, sem ter hora para acabar.

Percebe-se aí a mescla de duas conjunturas dentro da mesma festa, uma religiosa e outra pagã. Em meio a ritos de fé, há o gozo da gula, comer e beber a vontade, além do divertimento através do baile e as danças no salão.

No que diz respeito ao âmbito religioso da festa, as comunidades festeiras interagem entre si, pois a imagem da Santa (fig 08) que é carregada na procissão é a mesma que percorre as três festas da Ilha. Ao ser recebida pela Capela, é rezada a missa e logo após ocorre a procissão carregando a imagem da Santa até o cruzeiro⁸ (fig 09), onde são feitas as preces e em seguida se retorna à capela, sempre passando por dentre os arcos dispostos frente à capela.

⁷ Pórticos ornamentais construídos com madeira e papel de seda colorido para as festas religiosas na Ilha dos Marinheiros. Símbolo representativo de uma cultura religiosa originária da cultura tradicional portuguesa.

⁸ Cruz de concreto posta distante alguns metros da capela. Utilizada nas procissões das festas religiosas na Ilha dos Marinheiros. Símbolo de fé e devoção dos habitantes da Ilha.



Fig. 06 – Fotografia de Henrique Gibbon



Fig. 07 – Fotografia de Henrique Gibbon



Fig 08 – Fotografia de Cadija Souza⁹



Fig 09 – Fotografia de Henrique Gibbon

5. Pórticos Ornamentais

Os pórticos ornamentais, também chamados de arcos pelos habitantes da Ilha dos Marinheiros, são símbolos marcantes da cultura e tradição portuguesa que ainda lá persiste.

Os arcos são adereços indispensáveis nas festas religiosas por conterem uma grande significação dentro de um contexto religioso, sendo o início e término da caminhada em procissão com a Imagem da Santa Padroeira.

Trata-se de uma estrutura confeccionada em madeira, enfeitado com papéis de seda colorido. As cores utilizadas variam de uma comunidade para outra, tendo cada uma delas, cores específicas e permanentes, ou seja, cada comunidade festeira da Ilha (figuras 10 e 11)

⁹ Estudante de graduação do curso de Publicidade e Propaganda na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas. Aluna integrante do Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros.

utiliza determinadas cores para a confecção de seus arcos, e estas permanecem mesmo com a construção de um arco novo, caso necessário, devido os desgastes do uso.

Assim como as cores utilizadas, a estrutura física visual de um determinado pórtico é diferente dos demais pórticos que são utilizados pelas outras comunidades. Cada uma das três comunidades possui um estilo determinado e fixo para confecção de pórticos.



Fig. 10 - Pórticos Santa Cruz – Fotografia de Henrique Gibbon



Fig. 11 – Pórticos Nossa Senhora da Saúde –
Fotografia de Carlos Recuero

6. Metodologia

O Projeto Fotográfico Ilha dos Marinheiros atua na Ilha dos Marinheiros há três anos com o formato antropológico e fotográfico, ou seja, fotoetnográfico.

Atualmente a pesquisa é focada nos pórticos ornamentais que são construídos para as festas religiosas e conseqüentemente a representação e o processo de significação destes pórticos no imaginário coletivo. Isto inclui, como pesquisadores, a abordagem de como é recebido e interpretado, pelos ilhéus, as informações repassadas através da narrativa visual.

São três as festas religiosas que ocorrem na Ilha anualmente. Durante este período, faz-se um trabalho de campo, onde se visita a Ilha regularmente, conhecendo e interagindo com os habitantes, desta forma criando um ambiente onde o ilhéu sintá-se à vontade diante a presença dos integrantes do projeto.

O acompanhamento das atividades pelos integrantes do Projeto dá-se mais com os moradores responsáveis pela organização da festa, os chamados festeiros, pois desta forma

cria-se uma ligação direta do integrante com os preparativos e a festa em si. No dia da realização da festa, acompanha-se toda a movimentação, do início ao fim, fazendo um trabalho de registro fotográfico.

Após o término do registro das festas religiosas, parte-se para uma análise das possíveis leituras realizadas pelos Ilhéus a partir da realidade por eles percebida no trabalho de narrativa visual.

Como embasamento teórico anterior à prática fotoetnográfica, é realizado um estudo ao pioneirismo de Margaret Mead e Gregory Bateson que diz respeito à utilização de pranchas fotográficas para a apresentação de um relato visual. Complementando a estrutura teórica-prática do Projeto, utiliza-se dos modelos de John Collier Jr. E Luiz Eduardo Robinson Achutti, adaptados após os trabalhos de pesquisas narrativas anteriormente já realizadas ao longo da existência do Projeto.

Este embasamento apresenta um pequeno caleidoscópio imagético na construção dos pórticos religiosos, por ocasião das festas dos santos padroeiros, assim possibilitando a utilização de fotografias reunidas em pranchas, onde ordenadas de forma a constituírem um texto visual, facilita uma leitura lógica e coerente do fenômeno registrado.

“Uma narrativa fotoetnográfica de se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma seqüência de informações visuais. Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador”. (Achutti, 2004:109).

8. Objetivos

Utilizar o método criado em pesquisas e trabalhos anteriores, que faz o uso da fotografia como discurso científico social, observando a ação da imagem fotográfica na narrativa visual como instrumento do binômio realidade/verdade na leitura das pranchas fotográficas pelos Ilhéus. Desta forma, possibilita observar em que nível a população simples compreende e se reporta a realidade apresentada da interação dos fiéis com as festas religiosas e os pórticos ornamentais através da narrativa fotográfica.

Saber qual a realidade escondida, ao estranho e ao continental, o pórtico contém; que mistério envolve e compõe tal expressão cultural e religiosa; a essência da construção dos pórticos religiosos e que realidades envolvem este processo.

Assim, esta pesquisa visa desvendar tal processo comunicacional e a reação cultural provocante, tendo o desafio de averiguar se a expressão verdadeira da cultura do Ilhéu pode ser compreendida através dos fragmentos fotográficos e do confronto dos mesmos com os protagonistas das festividades religiosas, o próprio Ilhéu.

Desta forma verifica-se como a imagem fotográfica pode ser utilizada no discurso científico e nas ciências sociais, em especial na relação entre a cultura e a massa, analisando a validade do método de utilização de fotografias discursivas e narrativas visuais por pranchas fotográficas, em uma utilização similar ao método de Bateson e Mead.

9. Narrativa Visual











Prancha I

1. Festeiros medindo com o olhar a posição dos pórticos.
2. Pórticos guardados no salão da comunidade.
3. Retirada do pórtico de dentro do salão.
4. Festeiros carregam os pórticos para frente da capela.

Prancha II

5. Cavando para a colocação do pórtico.
6. As cordas são amarradas.
7. O pórtico é erguido e posto no lugar.
8. Retirada do pórtico de dentro do salão.
9. O pórtico é carregado.
10. Começa-se a erguer o pórtico.

Prancha III

11. Colocação do pórtico no lugar.
12. Puxa-se as cordas a fim de alinhar o pórtico.
13. Pórtico em seu devido lugar.
14. Dois pórticos postos.
15. Festeiro carrega parte da decoração.
16. Colocação de arremates.
17. Parte-se para o seguinte pórtico.
18. Um dos festeiros cava o buraco, outro amarra as cordas.

Prancha IV

19. Ergue-se o terceiro pórtico.
20. Puxada das cordas a fim de afirmá-lo.
21. Dá-se importância ao firmamento do pórtico.
22. O alinhamento exige esforço.
23. Trabalho feito, pórticos nos lugares.
24. Início da procissão. Santa é conduzida pelo caminho dos pórticos.
25. Procissão em andamento.

Ordem Narrativa

1	2	
3	4	

5	6	
7	8	
9	10	

11	12	
13	14	15
16	17	18

19	20	21
22	23	
24	25	
26	27	28

29	30	31
----	----	----

26. Santa sendo conduzido por fiel.
27. Procissão ao encontro do cruzeiro.
28. Dá-se a volta no cruzeiro após preces.

Prancha V

29. Procissão retorna por dentro dos pórticos.
30. Padre fazendo os ritos finais da procissão.
31. Fiéis concentrados no encerramento do ato.

10. Considerações Finais

A presente pesquisa - A Religiosidade Popular na Ilha dos Marinheiros. Um Estudo Fotoetnográfico dos Pórticos Ornamentais – tem como objeto de estudo as festas religiosas da Ilha dos Marinheiros. Estas três festas ocorrem durante o ano inteiro, cada uma delas em épocas diferente.

Até o fechamento deste trabalho, não havia ocorrido ainda a terceira e última festa na Ilha. Esta terceira festa ocorrerá muito em breve.

Devido a este fato, ter uma conclusão concreta definitiva seria precipitado. Porém, a pesquisa continua e, até o mês de setembro, quando são realizadas as apresentações dos trabalhos no XXIX INTERCOM, a conclusão desta pesquisa estará completa, a partir dos resultados conferidos no trabalho de campo.

De momento pode-se concluir, com o que já foi averiguado no trabalho de campo, que uma grande parcela da população presente nas festividades religiosas, participam apenas por habito, sem ter um conhecimento mais aprofundado sobre as tradições que a festa envolve e os ritos derivados da cultura tradicional portuguesa. Este fato normalmente ocorre devido a presença de um número relativamente grande de romeiros vindos do continente, que possuem parentes na Ilha dos Marinheiros ou que em algum momento já residiu na Ilha.

Todavia há uma parcela mais devota da população que participa das festividades justamente por saber do que se trata. Estas são geralmente pessoas de mais idade, com um histórico cultural mais amplo. Para estas, a presença dos arcos nas festas é o ponto culminante e o ato de atravessar com a procissão por dentro destes arcos é uma ação de fé e crença, já que esta travessia representa o caminho da purificação, do contato com o divino, o transcendental.

Quem participa consciente da passagem pelos arcos, acredita firmemente que recebe uma benção divina e se sentem protegidos pelos santos padroeiros.

11. Referências Bibliográficas

ALVES, André. Os Argonautas do Mangue. Editora Unicamp. Campinas 2004.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson, Fotoetnografia, Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Livraria Palmarinca/Tomo Editorial. Porto Alegre, 1997.

_____. Luiz Eduardo Robinson, Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Livraria Tomo Editorial/UFRGS editora. Porto Alegre. 2004.

Azevedo, Anna Lúcia Dias Morrison. A Ilha dos Três Antônios. Editora Jornal Soberania do Povo. Portugal. 2003.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Editora Nova Fronteira. 5ª impressão. Rio de Janeiro. 1984.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. Balinese Character. The New Academy of Sciences. Second print. USA. 1962.

COLLIER Jr, John. Antropologia Visual: A Fotografia como Método de Pesquisa. Editora da Universidade de São Paulo. 1973.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. Editora perspectiva. 1994.

FREUND, Gisèle. Fotografia e Sociedade. Editora Veja. 2ª Edição. Portugal. 1995.

SOTANG, Susan. Ensaios sobre a fotografia. Editora Arbor. Rio de Janeiro. 1981.